

# LEITURA E LITERATURA NO MUNDO DA ESCOLA<sup>1</sup>

## READING AND LITERATURE AT SCHOOL

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha<sup>2</sup>

**RESUMO:** Ao poder poético e secreto de um livro se acrescenta um outro interesse, que é esperar compreender como os significados impostos pela leitura são transgredidos ou, ainda, como a invenção – a do autor ou do leitor – se vê sempre refreada por aquilo que impõem as capacidades, as normas e os gêneros. Contra a visão simplista que supõe servidão dos leitores quanto às mensagens impostas (ou lidas!), pode-se lembrar que a recepção é criação, e o consumo, produção, levando a insistir que toda a criação, toda apropriação de sentidos, está relacionada às condições de possibilidade historicamente variáveis e socialmente desiguais ... Desta dupla evidência, resulta o projeto fundamental de minha intervenção. Ainda que rápida e superficialmente, espera-se descobrir como, em contextos diversos e mediante práticas de leitura e escrita diferentes, estabelece-se o paradoxal cruzamento de restrições transgredidas e de liberdades restringidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Leitura. Escola.

Em uma conferência pronunciada em 1978, Jorge Luis Borges indicava, sutilmente, que um livro só adquire consistência quando tem um leitor que o lê, configurando significações novas ou diferentes que mudam de acordo com suas leituras:

O que são as palavras postas em um livro? O que são esses símbolos mortos? Nada absolutamente.. O que é um livro se não o abrimos? É simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo estranho, creio que muda a cada vez. Heráclito disse (o repeti demasiadas vezes ) que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio porque as águas mudam, mas o mais terrível é que nós não somos menos fluídos que o rio. Cada vez que lemos um livro, o livro mudou, a conotação das palavras é outra.

---

<sup>1</sup>Este trabalho, em outra versão e título, foi apresentado no 12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, realizado de 27 a 31 /08/2013, na Universidade de Passo Fundo – RS.

<sup>2</sup>Dr<sup>a</sup> em Letras pela USP com Pos-Doutorado em Literatura Comparada pela UFRJ; Prof<sup>a</sup> do Curso de Letras e do Programa de Pos-Graduação em Letras – Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia. betinarr Cunha@gmail.com.

É com esse espírito, com esse intuito, que se aponta, agora, o interesse, para nós professores, estudiosos e apaixonados pela leitura, de se abordar este ato, sempre efêmero e misterioso que é a apropriação de um texto.

Ao poder poético e secreto de um livro se acrescenta um outro interesse, que é esperar compreender como os significados impostos pela leitura são transgredidos ou, ainda, como a invenção – a do autor ou do leitor – se vê sempre refreada por aquilo que impõem as capacidades, as normas e os gêneros. Contra a visão simplista que supõe servidão dos leitores quanto às mensagens impostas (ou lidas!), pode-se lembrar que a recepção é criação, e o consumo, produção, levando a insistir que toda a criação, toda apropriação de sentidos, está relacionada às condições de possibilidade historicamente variáveis e socialmente desiguais... Desta dupla evidência, resulta o projeto fundamental de minha intervenção nesta mesa. Ainda que rápida e superficialmente, espera-se descobrir como, em contextos diversos e mediante práticas de leitura e escrita diferentes, estabelece-se o paradoxal cruzamento de restrições transgredidas e de liberdades restringidas.

No dicionário *Aurélio*, a palavra leitura (do latim medieval *lectura*) significa ato ou efeito de ler, mas também arte de cifrar um texto segundo um critério. O verbete *leitura* da *Enciclopédia Einaudi* assinala que o termo leitura não remete a um conceito e sim a um conjunto de práticas que regem as formas de utilização que a sociedade, particularmente através da instituição escolar, faz dele. Leitura é, pois, conforme acentuam Compagnon e Barthes, nessa Enciclopédia, uma palavra de significado vago, deslizante, que é preciso ocupar “por meio de sondagens sucessivas e diversas”, segundo os muitos fios que tecem sua trama.

Apesar do questionamento ao conceito fechado de leitura, vale refletir sobre a etimologia da palavra ler, do latim *legere*, que pode contribuir para um melhor esclarecimento dessa prática. Numa primeira instância, ler significa contar, enumerar as letras; numa segunda, significa colher e, por último, roubar. Observe-se que em sua raiz, a palavra já traduz pelo menos três maneiras, não excludentes, de se fazer a leitura.

Na primeira, é a alfabetização; soletra-se, repete-se os fonemas, agrupando-os em sílabas, palavras e frases. No segundo momento, o verbo *colher* implica a idéia de algo já pronto, o que corresponde a uma tradicional interpretação do texto, buscando um sentido predeterminado,

cabendo ao leitor “colher” o sentido que o autor quis dar a seu texto. Nesse tipo de leitura é que se busca sobretudo a mensagem do texto, seu tema.

Há ainda uma terceira instância, correspondente ao verbo *roubar*, que traz uma idéia de subversão, de clandestinidade. Não se rouba algo com conhecimento e autorização do proprietário, logo essa leitura vai se construir à revelia do autor, ou melhor, vai acrescentar ao texto outros sentidos, a partir de sinais que estão nele presentes, mesmo que o autor não tivesse consciência disso. Nesse tipo de leitura, o leitor tem mais poder e vai, como diz Umberto Eco, construir suas trilhas no texto/bosque. Pensando a leitura como transgressão, De Certeau também compara o leitor a um viajante:

Bem longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos lavradores de antanho – mas, sobre o solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas – os leitores são viajantes, eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito, para com eles se regalar.

Embora não tenha um sentido fixo, a palavra carrega significações que levam a encarar “sondagens sucessivas e diversas”.

Na verdade, as palavras em uma página dão coerência ao mundo. Quando foram atacados por uma doença parecida com amnésia, em um de seus dias de cem anos de solidão, os habitantes de Macondo perceberam que seu conhecimento do mundo estava desaparecendo rapidamente e que poderiam esquecer o que era uma vaca, uma árvore, uma casa. O antídoto, descobriram, estava nas palavras. A fim de lembrar o que o mundo significava para eles, fizeram rótulos e os penduraram em animais e objetos: “Isto é uma árvore”, “isto é uma casa”, “isto é uma vaca, e dela se obtém o leite, que, misturado com café, nos dá café com leite”. As palavras dizem o que os homens, como sociedade, acreditam que é o mundo.

“Acreditamos que é”: aí está o desafio. Ao juntar palavras com experiências e experiências com palavras, os leitores – nós – esquadriham histórias que ecoam uma experiência ou preparam para ela, ou, ainda, falam de experiências que jamais serão próprias, exceto na página candente. Da mesma forma, o que se acredita que é um livro se remodela a cada leitura.

Ao longo dos anos, minha experiência, meus gostos, meus preconceitos, mudaram: à medida que os dias passam, minha memória continua repondo na estante, catalogando, descartando os volumes de minha biblioteca; minhas palavras e meu mundo – exceto por alguns marcos constantes – nunca são os mesmos.

O que permanece invariável é o prazer da leitura, de segurar um livro em minhas mãos e experimentar subitamente aquele sentimento peculiar de admiração, reconhecimento, calafrio ou calor que, por nenhum motivo discernível, uma certa seqüência de palavras evoca.

Essa confissão apaixonada de Manguel na verdade, insiste na necessidade de descrever o processo de leitura como uma interação dinâmica entre texto e leitor. Os signos lingüísticos do texto, suas estruturas, ganham sua finalidade em razão de sua capacidade de estimular atos, no decorrer dos quais o texto se traduz para a consciência do leitor. Isso equivale a dizer que os atos estimulados pelo texto se furtam ao controle total por parte do texto. No entanto, é antes de tudo esse hiato que origina a criatividade da recepção.

O autor e o leitor participam de um jogo de fantasia; jogo que sequer se iniciaria se o texto pretendesse ser algo mais do que uma regra de jogo. A leitura só se torna prazer no momento em que a produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer as nossas capacidades.

Aliás, Sartre considera a produtividade da leitura - aquela a ser esperada do leitor – um pacto:

Na produção de uma obra, o ato criativo é apenas um momento incompleto e abstrato; se existisse só o autor, ele poderia escrever tanto quanto quisesse – a obra nunca viria à luz como objeto e o autor pararia de escrever ou se desesperaria. Mas o processo de escrever, enquanto correlativo dialético, inclui o processo da leitura, e estes dois atos dependem um do outro e demandam duas pessoas diferentemente ativas. O esforço unido de leitor e autor produz o objeto concreto e imaginário que é a obra do espírito. A arte existe unicamente para o outro e através do outro.

Esse pacto, por outro lado, e considerando as questões objetivas que nos reúnem aqui, impõe a ampliação e a convivência dessa experiência de sensibilidade em um nível muito mais

amplo, mais profundo e mais heterogêneo, aquele da escola, da condição de professora e de agente.

Viver e trabalhar o texto a leitura, a literatura individualmente como pesquisadora - que compreende essa manifestação – artística ou não - como resultado de atitudes e de práticas estéticas pertinentes a um dos instrumentos da instalação e sobrevivência do homem em um mundo caleidoscópico - é uma experiência instigante, profundamente reveladora dos mecanismos internos e sensíveis que ordenam a inserção desse indivíduo em momentos históricos definidos, nos quais ele é, ao mesmo tempo, ator, expectador, agente receptor e transformador da própria história.

Viver e trabalhar o texto coletivamente enquanto professora de literatura ou outra disciplina correlata é, por outro lado, dividir ( mesmo que em tese ) com um público heterôgeneo - social, cultural e economicamente - a compreensão que se tem das manifestações, das características, da utilidade ( ou inutilidade ! ) da obra de arte, propondo um convite a imaginar as bases concretas de uma prática artística não restrita à observação distante das obras do passado e, muito menos, não ignorá-las radicalmente sem considerar-lhes o peso de acréscimo e suporte ao patrimônio esclarecedor do homem contemporâneo.

Por outro lado, essa experiência modular e idealista esbarra, no momento de sua concretização, em situações e entraves reais, inerentes, sobretudo, à própria situação da educação, face à prática, à execução das políticas educacionais.

De que forma trabalhar, na prática, um objetivo teórico que não encontra respaldo na estrutura física e humana que é responsável pelo desenvolvimento desse objetivo?

E, mais especificamente, como encarar a Leitura, enquanto pressuposto e experiência formadora/construidora, nesse contexto oriundo de ideologias antagônicas e falsamente esclarecedoras<sup>3</sup>, que mascaram a denúncia social e ideológica, pregam a autonomia artística, instrumentalizando a leitura como veículo para a própria dominação?

Esse panorama "bárbaro"<sup>4</sup>, destituído de sustentáculos ordenadores e consistentes, reflete, em conseqüência, um panorama reflexivo e educacional atroz, exigindo de um professor lúcido e consciente alguns questionamentos e, mais objetivamente, algumas ações que possam,

<sup>3</sup> O conceito de esclarecimento refere-se àquele definido por Adorno em *Educação e Emancipação*.

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*.

minimamente, representar um protesto ou uma situação que amenize a contradição aí desenhada e tantas vezes anotada por Adorno: "Quem defende a manipulação da cultura radicalmente culpada e medíocre, converte-se em cúmplice, enquanto que aquele que recusa a cultura promove, imediatamente a barbárie que a cultura revelou ser."<sup>5</sup>

Se a "falsa" cultura produz indivíduos ilustrados, cujo saber cristalizado não se dinamiza pela reflexão e pelo contextualizar de experiências múltiplas, formadoras e inter-relacionadas, a verdadeira cultura abandona o cientificismo rígido e coisificado para investir em um rigor - também científico - que privilegia os detalhes da precisão reflexiva, da instrumentalização e particularidade da lógica discursiva, liberando a percepção sensível e intelectual para um exercício equilibrado de evidenciar o conteúdo de verdade de uma obra, sabendo distinguir a pluralidade de interpretações e leituras que convivem simultaneamente com a própria pluralidade da obra.

Considerando a seriedade dessas observações e a autoritária sutileza com que tais pressupostos se enraizam cada vez mais no comprometimento de uma proposta educacional, observa-se que a escola, que se pretende democrática, também exclui, pois mesmos os alunos que tem acesso a ela sofrem, muitas vezes, um tipo velado de exclusão. Isso porque a inscrição do sujeito leitor se faz controlada e dirigida. Ele é instado a confessar aos outros a sua leitura e a corrigi-la na direção do consenso. Dessa forma, pode-se observar um controle do imaginário que se faz continuamente em nome da aquisição do conhecimento. Daí resulta um conhecimento construído sem imaginação e sem investimento pessoal do leitor.

Assim, a escola, aparentemente espaço de incentivo para a leitura de livros, ao impedir que os objetivos, iniciativas e estratégias de leitura sejam dos próprios leitores/alunos, pode afastá-los do processo de produção de sentido e, conseqüentemente, do universo dos livros.

A escolha aleatória dos livros e a cobrança de leitura através de testes automatizados são algumas dessa formas de controle da leitura que empobrecem a interação livro/leitor. Isso não significa abrir mão de uma pedagogia da leitura que forneça ao aluno instrumentos para interagir com o texto e tornar-se, ele mesmo, um leitor crítico, capaz de perceber até os controles de que inevitavelmente é vítima na escola e na sociedade em geral.

---

<sup>5</sup>ADORNO, T. W. Dialética negativa. In: JIMENEZ, M. *Para ler Adorno*. P. 09.

No âmbito escolar, em que as atividades de leitura fazem parte de um projeto de ensino, de uma pedagogia, a leitura mostra-se como uma técnica e uma prática que não podem se esgotar na decodificação dos signos escritos ou nos limites impostos pela frase. A partir do momento em que o leitor e a leitura são vistos como elementos integrantes da produção de sentido, o circuito texto/leitor deixa de ser pensado como uma direção de mão única, em que as significações saltariam do texto, e o leitor permaneceria irremediavelmente preso às malhas das letras.

Por outro lado, não se trata de condenar a escola ou a relação desta com a leitura. Leitura e escola são duas instituições e é como tal que estão em constante interação. Logo, tal relação não é apenas inevitável; antes, pode ser fecunda e estimulante. Não é a escola que mata a leitura, mas o excesso de didatismo, a burocracia do ensino acoplado a regraspreestabelecidas, a normas rígidas e castradoras. Em suma, o uso inadequado de textos fragmentados, deslocados, manipulados, levaria à subordinação do leitor ao jugo escolar.

Importa perguntar, pois, qual o papel da escola na formação do leitor. Não o leitor obediente, que preenche devidamente fichas de livros ou reproduz com propriedade enunciados textuais. Mas o leitor que, instigado pelo que lê, produz sentidos, dialoga com o texto, com os intertextos e com o contexto, ativando sua biblioteca interna, sem repouso..

Estaria a escola contribuindo para a formação desse tipo de leitor? Ou ele se configuraria a despeito da escola, ou mesmo contra ela? Se nos consideramos leitores, formadores de leitores, podemos pensar em como a escola contribuiu para isso. Muitos de nós somos leitores porque a escola assim nos formou ou nos tornamos leitores à revelia da escola? O fascínio pelo texto pode ser anterior à escola, mas podemos afirmar que, na escola, conhecemos outros textos, descobrimos outros caminhos e alimentamos o gosto pela leitura. Em nossa formação de leitores, ouvimos estórias lidas pelos professores, declamamos poemas, representamos pequenas peças, lemos textos e textos, sem necessariamente ter feito uma prova de verificação de leitura nas primeiras séries do ensino fundamental. Havia regras, métodos, rituais, mas se circulavam textos e se partilhava a paixão pelo ato de ler.

Observe-se, pois, que não há porque temer as regras e os rituais, condenando-os a priori. Antes, importa conhecê-los, lidar com eles para, se necessário, subvertê-lo. Não há porque temer a escola e o uso que se faz dos textos, mesmo porque eles próprios não são inocentes. Muitas vezes, a escola é o único lugar em que a criança tem acesso aos livros e aos textos literários.

Numa sociedade empobrecida, a escola não pode prescindir de seu papel de divulgação dos bens simbólicos que circulam fora dela, para poucos.

Nesse momento, como professora, penso em novas formas de se trabalhar a literatura e, de modo mais abrangente, o texto, de maneira a promover o resgate da sensibilidade e da reflexão, mostrando, em conseqüência, que esse texto é o lugar privilegiado da ambigüidade humana, independentemente de um credo, de uma posição social ou de uma ilustração prévia que representassem a senha para um conhecimento acessível a poucos "iluminados".

È fundamental , a meu ver, partir-se sempre de conteúdos fundamentais, tendo como ponto de partida para esse tratamento, aspectos do cotidiano e/ou produções artísticas veiculadas em outras linguagens artísticas.

Essa estratégia de abordagem traz à tona, de uma maneira não sistemática, filmes, dramatizações, pequenas apresentações teatrais, mímicas, que instrumentalizam debates posteriores sobre as impressões ressentidas, tendo-se o cuidado de favorecer a manifestação de todos, comentando, sempre que pertinente, a relação entre o conteúdo, visão de mundo, linguagem, texto(s), palavra.

A partir de então, pode-se passar, em cada unidade, a trabalhar o texto previamente escolhido em função não só do aspecto da Literatura como também de uma continuidade temática que viesse a insistir na infinita possibilidade de sentidos e relações que a correspondência entre as artes pode oferecer.

Vale realçar que os pontos teóricos podem ser sempre trabalhados de forma a não impor, inicialmente, as terminologias específicas dos estudos em questão; podendo estas serem retomadas, esclarecidas e incorporadas ao longo do processo de intimidade com os textos e suas especificidades.

Por outro lado, observa-se a importância fundamental do professor nessa sensibilização à leitura. É preciso que ele se disponha a uma preparação de unidades de aulas bastante cuidada; esteja atento à escolha minuciosa dos textos e material de apoio mais adequados e exemplificadores, visto que uma apresentação descuidada ou inoportuna romperia com uma etapa importante do processo: o interesse dos alunos e, portanto, o nível de compreensão e resposta à dinâmica ensino/aprendizagem.

Finalmente, e concluindo o inconcluso - visto que, de um lado, a educação, a vivência literária, a formação e consolidação de um espírito dialético constituem o "continuum" educacional, e a convivência com a leitura, no estágio atual, é um processo decorrente da sensibilização e interesse por esse campo do saber - fica a certeza de que aqueles que acreditam nos direitos humanos e na civilização mais humanizada procuram transformar as possibilidades teóricas em exercícios de realidade e investimento prático de apaziguamento das utopias e desarmonias educacionais.

Fica também a certeza de que em uma época profundamente bárbara, a palavra, o texto, a literatura, no seu sentido mais amplo, parecem corresponder a uma necessidade universal, devendo, portanto, ser satisfeita.

Repetindo Antônio Cândido, "a literatura é o sonho acordado das civilizações"<sup>6</sup>; sem ela, provavelmente, não haveria esforço de equilíbrio social, nem disponibilidade cultural para vivenciar as ambigüidades do mundo moderno, dialético e plural desde a sua própria constituição.

A leitura, portanto, é uma etapa importante no processo de humanização e, conseqüentemente, cada sociedade promove suas manifestações artísticas, estéticas, ficcionais e poéticas segundo suas crenças e paradigmas, seja, até mesmo, para confirmá-las ou renegá-las.

Cabe a nós, "profissionais" da sensibilidade e do rigor humanista, insistir na força e no poder da palavra, desmistificando os conflitos e as resistências, garantindo-lhe a forma de expressão das emoções, visão de mundo, instauração e consolidação não atemorizada (nem distante!) de uma forma privilegiada de conhecimento pelo e para o homem "humano", apesar do aparato desindividualizante, uniformizador, pseudo igualitário e unificador dos moldes tecnológicos, ditos progressistas e globalizantes, que não consideram nem reconhecem as particularidades e especificidades como inerentes à própria característica do homem e das sociedades que ele institue.

**ABSTRACT:** *To a book's secret and poetic power another interest is added, which is hoping to understand how the meanings imposed by reading are infringed, or yet, how the invention – of the author or the reader – sees it self restrained by that which imposes to capacities, standards and genders. Against the simplistic view which supposes the readers' thrall regarding the imposed (or read) messages, one may recall that the reception is creation, and the consumption,*

---

<sup>6</sup> CÂNDIDO, Antônio et alii. Direitos humanos e ... São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 112

*production leads to insist that all creation, all ownership of senses is related to the conditions of possibility historically variable and socially uneven. From this double evidence results the fundamental project of my intervention. Even if quickly and superficially, one hopes to discover how in different contexts and by different reading and writing practices it is established the paradoxical intersection of constraints violated and restricted freedoms.*

**KEYWORDS:** *Literature. Teaching. Reading.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Jorge Luis. *A Biblioteca de Babel*. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/site/cafeliterario/a-biblioteca-de-babel-jorge-luis-borges/>. Acesso em: set. 2014.
- CÂNDIDO, Antônio etall. *Direitos humanos e ...* São Paulo, Brasiliense, 1983
- DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ENCICLOPEDIA Einaudi. Disponível em: <http://ebookspdfs.org/read/>. Acesso em: set. 2014.
- MANGUEL. *No bosque do espelho*. São Paulo: Companhia das Letras.2000
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/88186436/SARTRE-Jean-Paul-O-que-e-literatura>. Acesso em: set. 2014.